

Samambaia abriga duas realidades

Samambaia apresenta duas realidades distintas. A parte mais antiga é formada por casas de alvenaria, de bom aspecto, e dispõe de um comércio crescente, atendendo à maioria das necessidades de seus moradores. Nela residem funcionários do Governo, sargentos do Exército e outros profissionais de faixa salarial média. Na outra, o que se encontra é muita poeira e barracos ocupando pouco mais de 100 metros quadrados de área.

O projeto inicial da satélite era o de abrigar apenas residências da Shis. Construídas pelo GDF, elas tinham como inquilinos a parcela da população que nunca possuiu imóvel em Brasília, e que tem condições de pagar uma prestação, variável de acordo com o tamanho da propriedade.

Com a intensificação do crescimento das favelas em todo o DF, o governador Joaquim Roriz decidiu dividir Samambaia, acrescentando ao primeiro objetivo o Programa de Assentamento. Hoje, são 16 quadras para uma população de 18 mil pes-

soas. Mas a perspectiva é de pelo menos triplicar esse número com a mudança dos inquilinos de fundo de quintal e a remoção das invasões restantes.

Enquanto a ala "nobre" da satélite foi ocupada aos poucos, a área do assentamento recebe diariamente 200 novas famílias. Embora a formação do terreno não seja considerada frágil, já começam a aparecer erosões que, segundo o Núcleo de Estudos Ambientais da UnB, são originadas pela fixação acelerada, sem a execução de medidas preventivas. Isso obrigou Roriz a destinar verbas para conter o avanço das voçorocas (palavra de origem indígena que significa terra rasgada).

DIFICULDADES

As dificuldades não residem apenas na erosão. A única estrada que dá acesso à satélite é de terra batida, e os moradores reclamam do transporte. São 12 linhas de ônibus que saem de Samambaia, passam por Taguatinga e desembocam no Plano Piloto (W3, L2 e Eixo). Na

parte mais antiga da cidade, existe saneamento básico para todos os moradores e no mês passado foi inaugurado um Centro de Saúde.

Na área do assentamento, apelidada de Villa Roriz, ainda há muito por fazer. Não há esgotos, e a água é obtida através de 24 chafarizes, instalados em pontos estratégicos, cobrindo todo o local. Os moradores ainda não possuem um posto de saúde, embora a pedra fundamental da obra tenha sido lançada na última quinta-feira. As crianças são assistidas por uma escola, capacitada a lecionar até a quarta série. Há promessas, no entanto, de até o final do ano o centro de ensino estar preparado para acolher alunos de todo o primeiro grau.

Apesar das dificuldades, a quase totalidade dos moradores mostra-se feliz com a realização do sonho da casa própria. É o caso de Marilene Campos Barbosa. Com 18 anos, ela nunca conheceu outra moradia a não ser a invasão Asa Branca. Agora,